



Centro Universitário de Brasília – UniCEUB Faculdade
de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas

Rafael Duarte Carvalho Pinto

Ra:20921567

Ensaio sobre os conflitos existenciais contemporâneos

Brasília/DF

Junho, 2012

Rafael Duarte Carvalho Pinto

Ensaio sobre os conflitos existenciais contemporâneos

(Termo de Aprovação)

Trabalho apresentado à Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas do UniCEUB – FATECS, como requisito para a obtenção de grau de Bacharel em Comunicação Social com Habilitação em Comunicação e Marketing do Uniceub – Centro Universitário de Brasília.

Professora Flor Marlene Enriquez Lopes

Brasília/DF

Junho, 2012

Rafael Duarte Carvalho Pinto

Ensaio sobre os conflitos existenciais contemporâneos

(Termo de Aprovação)

Trabalho apresentado à Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas - FATECS, como requisito parcial para a obtenção ao grau de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Propaganda e Marketing do UniCEUB – Centro Universitário de Brasília.

Professora: Flor Marlene Enriquez Lopes

Brasília, Junho

Banca Examinadora

Prof. Úrsula Diesel, M.^a

Prof. Cláudia Busato, Dr^a



Dedico este ensaio a meus pais que sempre me auxiliaram e apoiaram nas minhas escolhas e ao professor Deusedith que me inspirou na realização desse trabalho e na compreensão de que é possível buscar suas próprias soluções para dar sentido a vida e tentar salvar a humanidade.

RESUMO

O presente ensaio tem por objetivo ilustrar e compreender o modo de vida social assim como as ações individualizadas na época contemporânea, evidenciando dessa forma o surgimento da consciência pós-moderna e o processo de globalização para formar uma sociedade de consumo. A partir disso, o trabalho presente visa entender como a atual crise comportamental por que passa a sociedade contemporânea torna o ser humano inseguro e insensato. Ao ilustrar e ao mesmo tempo ao dialogar com os autores sobre os problemas existenciais contemporâneos é posteriormente apresentada uma hipótese que busca uma solução para a insolidéz e a efemeridade da pós-modernidade.

Palavras-chave: Sociedade de consumo, Globalização Capitalista, Pós-modernidade, Arte, Autonomia Individual, Liberdade de Consumo.



SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	7
2 PRÓLOGO.....	8
Cap. 1 SÉCULO XX – O ACORDAR DE UM SONHO.....	9
Cap. 2 CONSCIÊNCIA E SOCIEDADE PÓS-MODERNA.....	12
Cap. 3 GLOBALIZAÇÃO VENTRÍLOQUA.....	21
Cap. 4 UM TOQUE DIONISÍACO NA PÓS-MODERNIDADE.....	26
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	32
4 REFERÊNCIAS.....	33

1 INTRODUÇÃO

É necessário começarmos este ensaio com um questionamento: afinal, por que em um mundo contemporâneo marcado pela liberdade e concessão de escolhas, possuímos tantos problemas e angústias?

A pós-modernidade é a época em que todas as pessoas têm a possibilidade de serem livres e conseqüentemente felizes. Essa felicidade por sua vez é feita pela globalização capitalista, através de valores hedonistas que seduzem, mas ao mesmo tempo escondem um forte poder de manipulação invisível por trás de uma atual sociedade de consumo. Em uma sociedade pós-moderna com tantos prazeres e infinitas formas de entretenimento, percebe-se que o homem contemporâneo é ausente de um espírito crítico e marcado por uma inconstância que permite aproximar de tudo e todos, mas sem exatamente os compreender e de ser compreendido. O trabalho permite ao leitor uma reflexão social ao explicar de forma flexível (formato literário) como surgiu a sociedade contemporânea, além de analisar a influência por trás dos agires dos homens pós-modernos inseridos em uma nova dinâmica comportamental dominada pela lógica de consumo da globalização e de seus valores hedonistas.

Para a execução deste ensaio, o trabalho (situado entre o poético e didático) tem como objetivos entender a importância da ruptura de valores estabelecida no século XX para instaurar a pós-modernidade, compreender a influência da lógica consumista e do efeito de inovação permanente para a formação da consciência pós-moderna, entender o impacto da globalização capitalista na vida contemporânea e por fim identificar a relação da autonomia individual com a liberdade de consumo pós-moderna. Dessa forma para reforçar o conteúdo deste ensaio, foram utilizadas revisões bibliográficas, tais como *Modernidade Líquida* de Zygmunt Bauman, *A Era do Vazio* de Gilles Lipovetsky, *Famílias, amo vocês* de Luc Ferry, *Nietzsche e a verdade* de Roberto Machado entre outras para identificar e analisar os problemas, as sensações, os valores e as influências inseridas da nova forma de consciência da época contemporânea.

PRÓLOGO

É curioso que até um passado não tão distante, a filosofia e a sociologia possuíam perspectivas um tanto diferenciadas, no entanto, em um mundo contemporâneo inóspito a problemas existenciais, valores morais, comportamentais e culturais estas nunca estiveram tão confidentes. Podemos dizer que atualmente os laços e entrelaços sociais e filosóficos são praticamente inseparáveis, pois agora lutam contra um inimigo globalizado. O mundo pós-moderno é o mundo da liberdade, da legalização de tudo, do prazer imediato que tira do homem a relação de viver em sociedade, assim como o senso crítico. Aparentemente a pós-modernidade encontra uma fórmula mágica para encontrar a felicidade, ou pelo menos o caminho a ser seguido.

O nosso agir é intrinsecamente dependente da noção do outro, uma vez que a ausência deste coloca em dúvida a ideia de ética e moral e é exatamente essa “sacada” que deixa o mundo contemporâneo tão complexo e por assim dizer tão problemático ao incentivar uma espécie de individualização generalizada que culmina em uma sociedade hedonista obsessiva pelo consumo. Dessa forma, podemos dizer que o viver em sociedade na pós-modernidade é apenas uma banal força de expressão, uma vez que o homem pós-moderno não possui mais valores morais, mas agora problemas pessoais que só podem ser resolvidos pela compra compulsiva.

Cap. 1 SÉCULO XX – O ACORDAR DE UM SONHO

Definitivamente o advento do século XX foi um divisor de águas, foi o precursor da pós-modernidade e, antes de tudo, foi a época de desconstrução dos valores, da transformação artística e do declínio da perspectiva racional. A princípio, se tivermos que achar um réu culpado para tais rompimentos podemos associá-lo a Nietzsche e a sua genealogia da moral. Mas seria muita imprudência jogar tamanha responsabilidade nas costas de um homem – o que realmente existiu foi a criação de uma filosofia antinormativa por Freud, Marx, Foucault, Stirner e dos artistas de vanguarda tão marcantes nesse século como: Duchamp, Dali e Tzara.

Dessa forma, ocorreu um desmoronamento nas tradições culturais, a partir da emancipação do irracional, ou de acordo com Ferry (2010) pela abertura da esfera da intimidade: o fim da abstinência sexual, a libertação dos impulsos e o rompimento com as autoridades. De fato, o valor radical dessas mudanças principalmente em relação ao âmbito comportamental foi uma consequência explícita da quebra de ideais tão presentes e consolidados na época moderna. Ainda nessa desconstrução de valores, a estética pelas vanguardas e seus ismos (surrealismo, dadaísmo, cubismo etc.) também ganham destaque ao realizar uma espécie de conspiração revolucionária, uma oposição à cultura e suas obsessões. Pelo fato de possuírem a visão de que a imposição dos valores censurava a liberdade de expressão, é que os artistas conseguiram acabar de forma tão eficaz e convincente com os ideais modernos. No entanto, tal desconstrução feita por esses indivíduos transgressores era apenas o começo da invenção da época pós-moderna. Para Ferry (2010) essa mudança posteriormente proporcionada pelo movimento contracultura da estética, através da perda de referências para nós, “indivíduos pós-modernos”, seria de grande importância para instaurar e posteriormente adquirir a noção permanente de inovação tão bem feita pela globalização.

O fim da crença na racionalidade promoveu ao homem uma visão de despertar de um sonho, ao legalizar o que antes era moralmente errado. Dessa forma, a auto-exploração do corpo pela primeira vez, já não é mais pecado, assim como, não é mais errado ter libido, desejos, ser imprudente, imediatista

e, por que não dizer, ser imoral. Os sete pecados já não são mais absurdos, pelo contrário fazem parte da sociedade, melhor dizendo, conforme Bauman (2000) de uma nova sociedade individualizada.

O tragicômico da situação do século XX, é justamente entender que a crítica abstrata feita pelos artistas em denunciar os problemas sociais, engendrou a consolidação do capitalismo que no caso, deixou de ser um capitalismo pesado e passou a se tornar de acordo com Bauman (2000) algo leve. Na verdade, a vida desregrada e engajada dos artistas era o contraste da vida luxuosa e elitizada de uma sociedade burguesa, logo o que seria pela arte o fim supremo da burguesia e de suas supostas desigualdades sociais serviu de propulsão para um “capitalismo diet” que não engorda, mas sacia continuamente um indivíduo agora autônomo. Logo, a premissa de liberdade com limites de Sartre desapareceria num piscar de olhos.

A filosofia nessa época também tem sua parte de responsabilidade de enterrar a modernidade, pois foram seus pensadores e suas filosofias que colocaram em dúvida a noção de Estado ao apontar sua relação coercitiva diante ao ser humano, posteriormente mostrando que o tangível deste relacionamento se encontra na opressão e em eventuais punições aos indivíduos imorais. Como já anteriormente dito, é errado colocar a incumbência a Nietzsche de ser o pai da contemporaneidade, ou o assassino da modernidade, no entanto em alguns aspectos isso não é de tão equivocado, pois ele foi uma espécie de profeta. Parecia que este sabia que a sociedade moderna estava por um fio e que sua queda seria apenas uma questão de tempo, o que talvez seja o seu grande mérito. Porém, existe um outro destaque de sua parte, melhor dizendo de sua filosofia referente à crítica ética e moral. Em todas as suas obras este se mostra como um aniquilador de ideais através da noção de dionisíaco, apolíneo e nihilismo. O dionisíaco sucintamente é mais que um conceito, é uma certeza, e talvez a única que existe em nós, seres humanos – de que todo homem um dia vai morrer e a morte é o fim de tudo (MACHADO, 1999). A consciência desse sentimento para o homem era uma desgraça, pois nos passa a sensação que estamos no mundo por acaso. A partir disso, com medo de que os seres humanos adotassem uma “concepção de caos e desordem”, o próprio homem criou o apolíneo – é essa a grande

sacada de Nietzsche – compreender essa noção do indivíduo de criar a busca da verdade, que também sucintamente seria a criação de ideais, repletos de valores morais que serviriam de pilares para orientar o indivíduo e principalmente gerar uma aceitabilidade pela vida (MACHADO, 1999). A partir disso, ele define seu último conceito, o niilismo que, conforme Ferry (2010), possui um entendimento errado para se compreender Nietzsche, pois na verdade o ser niilista não é um indivíduo sem convicção e sim ao contrário. O niilista é uma pessoa com fortes valores morais, com fortes princípios, ou seja, um ser que acredita nos ideais e se conforma com eles. A sentença final da filosofia nietzschiana é de justamente afirmar que o niilista é um covarde que se convence com ideologias e não aceita o fato de que a qualquer momento pode morrer. Foi assim que Nietzsche desconstruiu a religião, a ciência, o capitalismo e todas as revoluções e suas respectivas falsas visões de mundo criadas por uma sociedade racional.

A partir disso, podemos considerar Nietzsche o precursor, o pai inspirador de um movimento revolucionário tanto da arte vanguardista como da filosofia da desconstrução, estabelecendo o fim de uma sociedade moderna consistente que achava que caminhava para alguma coisa, ou seja, acreditava na crença da transformação do mundo pela ciência e a racionalidade. Essa modernidade consistente então deságua na crença de um Estado racional capaz de resolver os problemas. Isso explica, porque o Estado perderia a sua relação de poder e de segurança que proporcionava para a sociedade.

Logo se a modernidade deságua, é porque de fato esta é líquida no século XX. Bauman (2000) explica justamente isso, o que antes era altamente nivelado e hierarquizado pela influência do Estado até o século XIX, posteriormente não viria fazer sentido, pois o efeito da abstração antinormativa generalizada sacramentária no século seguinte conforme Lipovetsky (1989) a era do vazio. O efeito desta desconstrução além de inicialmente aniquilar com as tradições e valores morais, alteraria pela primeira vez a dinâmica das relações humanas ao instaurar agora uma condição de igualdade entre indivíduos.

A dissolução das regras sociais nos permitiu abdicar da experiência do passado, ao nos garantir pela primeira vez fazer as coisas por nós mesmos e melhor, cada vez mais sem a intromissão de outras pessoas. Dessa forma o que antes era interpretado pelas gerações do passado, começa a se dissolver, dando início a um processo de personalização que enxuga o conceito de reverência e autoridade. A mudança na relação de respeito definitivamente alterou o agir social: pais não ensinam mais batendo nos filhos, divórcios parece que ocorrem mais que casamentos, empregados ridicularizam o chefe durante coffee break e agora existem os filmes pornográficos. Dessa forma, a relação de dominação e submissão pelo cumprimento de deveres, e a noção de proibido, agora só possuem uma regra: de que é proibido proibir, assim de acordo com Ferry (2010) viria a surgir a liberdade pelo consumo e o espírito de competição ilimitado tão presentes agora em uma consciência pós-moderna. Por fim, é importante perceber que o que o século XX fez foi transferir os problemas da vida pública para a vida privada. Isso tem graves consequências, pois a administração da vida privada impede a reflexão moral. Nessa perspectiva, os problemas sociais passam a ter pouca ou nenhuma importância para o indivíduo, uma vez que a preocupação deste em pensar nisso pode agora oferecer problemas pessoais.

Cap 2 CONSCIÊNCIA E SOCIEDADE PÓS-MODERNA

É necessário ser exposto antes de mais nada que a pós-modernidade não surgiu de um dia para o outro, esta é uma consequência de um século XX marcado por abalos à racionalidade e pelo despertar de uma nova consciência, ironicamente cada vez mais inconsciente. Invertemos por completo a lógica moderna e podemos dizer que somos atualmente seres culturalmente subversivos e descompromissados. Ao longo desse processo de emancipação, passamos por uma crise ideológica, marcada pelo fim de promessas de um Estado já em total ostracismo. O declínio da lógica e da razão foi a constatação de que as pessoas ao longo do tempo perceberam o Estado como instituição ineficiente, capaz de garantir ordem, mas não felicidade e principalmente prazer. À medida que as esferas do íntimo se revelavam, o Estado começava a

encolher soltando continuamente os laços das tradições e valores que tanto priorizava. Para Ferry (2010) pela primeira vez, se formava uma onda de direitos humanos estabelecida por homens da segunda metade do século XX que lutavam por uma liberdade ainda em construção, a partir da noção de autonomia individual. No entanto, essa revolução comportamental tão presente em nós, homens pós-modernos engendrou, conforme Bauman (2000), a corrosão do papel de cidadão, identidade social e personalidade, para abrir espaço a uma nova dinâmica de socialização marcada por uma idéia de liberdade de consumo.

Retomando o diagnóstico do sentimento da quebra de tradições e valores morais, surgiram dois aspectos fundamentais para se entender a vida pós moderna: a liberdade associada ao consumo e o advento da globalização. De fato, esses conceitos estão intimamente inter-relacionados, uma vez que estabeleceram a ascensão do individualismo e da vida privada. Nesse sentido, a política conforme Luc Ferry (2010), não tem influência no mundo contemporâneo. Já não é mais um problema de direita ou de esquerda, e sim de promessas e utopias feitas pelos políticos que não convencem mais uma consciência pós-moderna. De fato, a crítica da direita à esquerda e vice-versa colaboraram com o fortalecimento de um capitalismo sofisticado marcado por uma próspera sociedade de consumo.

A nova dinâmica orientadora de nossa civilização passa a ser a iniciativa privada, que garante a liberdade de consumo e instaura pela primeira vez um processo inédito de personalização, que vai tomando conta de todas as relações humanas a partir do surgimento de uma pseudo-consciência (Bauman, 2000). Essa nova consciência passa agora a avaliar a qualidade das relações, a partir de uma noção de inovação constante ou pior, permanente. Dessa forma, segundo Ferry (2010) surge pela primeira vez, um sentido de descartabilidade, uma vez que, o indivíduo pós-moderno percebe que suas relações são defeituosas e que, além disso, existem outras oportunidades no mercado. O marco ou carma da civilização contemporânea nos evidencia que nós não temos mais tempo para formar valores, somos descrentes e infiéis a qualquer coisa pelo simples fato de acompanhar as constantes tendências de um mercado globalizado. Existe uma frase do filósofo Ralph Waldo Emerson

(1906) que reproduz exatamente o que passamos em que este aborda que quanto mais velozes formos ao patinar, mais seguros estaremos. Isso define o drama por que passa a sociedade pós-moderna, marcada pelo transtorno de uma crise existencial imperceptível, no sentido de que ela mesmo “de forma intuitiva, sente” que há algo errado, mas não sabe o que é. Agora o complexo progresso desenfreado da globalização capitalista ao contrário da globalização científica iluminista não possui uma promessa idealizadora, ou seja, não possui fins propriamente ditos. Retomando a frase de Emerson, precisamos correr simplesmente porque agora temos a necessidade de acompanhar as mudanças para “podermos ser felizes”.

Atualmente, se Freud estivesse vivo, teria de reformular sua filosofia, pois nunca Ego e Id estiveram tão integrados a ponto de parecerem ser iguais, em compensação a noção Superego freudiano parece que nem existe mais. Retomando o pensamento da consciência pós-moderna, podemos definir a sociedade contemporânea marcada por duas sensações distintas e interrelacionadas que funcionam entre si como uma espécie de morfina para dor: a angústia e a satisfação. Pode-se dizer que a angústia em nossa civilização, já é uma constatação de medo, não do novo, pelo contrário – é uma necessidade, mas sim da falta da satisfação plena (BAUMAN, 2000). A angústia na sociedade de consumo é uma moeda com lados diferentes. Ela pode servir de alerta para perceber a ameaça em que vivemos por meio de um sistema que valoriza a realização pessoal pela necessidade de se consumir, ou na grande maioria das vezes ela serve de motor para viciar as pessoas a consumarem sua liberdade e bem estar pessoal pela compra. Na verdade, para Bauman (2000) a angústia vem das próprias concessões de escolhas que a lógica da iniciativa privada nos ofereceu, pois nos vemos diante de tantas oportunidades interessantes e por assim dizer divertidas que perdemos a noção do que é obscuro, pois não existe mais essa relação dialética entre bem e mal, e sim inúmeras chances infinitas. O homem, principalmente o pós-moderno é por natureza um ser incompleto e este no fundo sabe disso por meio da angústia, uma vez que, ele além de não conseguir mais formar um projeto de vida, não possui mais valores norteadores. O ser humano percebe que existe um interminável aperfeiçoamento das coisas e de si, no entanto

chega uma hora que esse auto-aperfeiçoamento não consegue mais acompanhar as mudanças cada vez mais rápidas, portanto o homem entra em uma espécie de esquizofrenia que não tem cura, mas tem tratamento pela compra.

A satisfação, na verdade, é uma sensação extremamente finita, pois ao comprarmos nos sentimos momentaneamente curados da angústia que passamos (BAUMAN, 2000). Curiosamente, essa sensação está associada à relação de autonomia também em se fazer escolhas marcadas por um modo de vida pós-moderno cheio de excessos pela falta de responsabilidades. Contudo, essa satisfação simplesmente dura na hora da compra, pois ao discutirmos constantemente a qualidade de nossas relações, esperamos o novo, ou seja, que algo melhor virá. Nesse sentido o novo pós-moderno se difere e ultrapassa o da modernidade, no sentido de que este além de bom passou a ser necessário.

Percebe-se então que a estratégia da globalização capitalista, foi substituir o conceito de convicção por uma ideia de inovação permeada por um sentido futilidade a partir do consumo. No entanto a iniciativa privada não foi tão imprudente de acabar com o conceito de valor, deixando “um nada”, pois esta criou, de acordo com Lipovetsky (1989), os valores hedonistas como símbolo de manifestação a ser seguida. De fato, a nossa consciência pós-moderna não é de tão ruim como pensamos, pois ela nos ensinou, antes de tudo, amarmos a nós mesmos e eventualmente nossos entes queridos. Para Ferry (2010), o advento da intimidade sacralizou o homem, em outras palavras o humanizou pelo advento do casamento por amor. No entanto, posteriormente a isso desenvolveu-se gradativamente o alargamento dos valores hedonistas e da administração da vida privada, que por sua vez, alteraram a perspectiva de amor do ser humano, na verdade este na maioria das vezes trocou o amor pelo sexo e prazer. A partir do momento em que o homem pós-moderno começa a ver defeitos nos outros por meio da comparação constante feita pelo espírito da globalização e percebe as oportunidades aparecendo, este impulsivamente troca as coisas. Assim podemos dizer que não existe mais nenhuma garantia de fidelidade e manutenção das relações pós-modernas, pelo simples fato de que a felicidade nunca vai ser completa e sim continuamente construída. O

problema é que esses mesmos valores hedonistas que nos alimentam servem também de alimento para os outros indivíduos, portanto nunca poderemos ser amados incondicionalmente, porque sempre vai existir algo melhor e isso é uma questão de tempo.

Possivelmente as profissões mais valorizadas no futuro serão os psicólogos e psiquiatras que ganharão fortunas de dinheiro tentando resolver os demônios internos, mas por incrível que pareça coletivo dos homens. Parece que esses profissionais, para obterem êxito, vão receitar que as pessoas tomem um único remédio, o comprar compulsivamente e cada vez mais.

É engraçado que as frases de Sartre (1973) sobre a existência preceder a essência e o inferno ser os outros, coincidentemente se enquadram muito bem no mundo que vivemos hoje não possuímos mais uma personalidade marcante e sim uma noção de estilo, no sentido de que eu sou a praia que eu frequento, a casa que eu tenho, o carro que eu dirijo, etc. Sartre ao se referir ao nada evidencia essa noção de incompletude humana de que o homem sempre escapa dele mesmo, mas é a partir disso que o impulsiona a querer se tornar completo (se tornar uma pessoa melhor) por meio de atitudes e escolhas. No entanto, atualmente as escolhas pós-modernas como diria Sartre seriam de má-fé, pois hoje só conseguimos ser “plenamente livres”, sendo consumidores individualistas que se compararam constantemente com o outro, só que sem que o último saiba. Essa para Bauman (2011) é justamente a forma de socialização pós-moderna, ou seja, a ausência de intervenção do outro nas escolhas, mas o constante voyeurismo do “eu” em comparar as relações, escolhas e angústias. Dessa forma, a noção sartriana de liberdade com limites pela convivência com o outro já não faz mais sentido, pois para o “eu” pós-moderno a liberdade não é mais pelo viver social e sim pelo comprar individual. Para Bauman (2000), as funções do “outro” na época contemporânea são de justamente servir de consolo para o “eu” imaginando que o primeiro passa pelas mesmas angústias que o segundo tem que enfrentar e a comparação de observar o que este, no caso o “outro”, compra para consumir também. Essa relação de consolo e comparação tão exploradas principalmente pela mídia por meio dos realitys shows implica em uma coisa: o fim do projeto de vida. Não

conduzimos mais nossas vidas por meio de princípios norteadores duradouros, mas por inovações constantes de curto prazo que aparecem cada vez mais rápido e desaparecem mais depressa ainda.

O maior problema do homem pós-moderno e talvez o maior mérito da iniciativa privada foi desenvolver uma sociedade masoquista que sente prazer na própria dor, pois ao mesmo tempo que se sente livre e feliz para consumir, sofre a dor agonizante de escolher o que comprar. Esse modelo sutil de liberdade de poder comprar o que quiser sem a censura de ninguém finalmente nos passa essa noção de auto-definição pelo lema: você é o que você compra. Dessa forma essa definição ainda que em constante mudança, é a garantia de uma felicidade eterna com eventuais dores, no sentido de querer ser mais feliz ainda. De fato a administração da vida privada criada pela nova lógica capitalista associou a infelicidade à reflexão moral, ao retratar a última como uma noção traumática de memória e pesada da personalidade. Agora memórias são só as boas e personalidade, como foi dito anteriormente, virou um estilo self-service, adaptável e fácil de mudar. As pessoas da época contemporânea não precisam seguir mais as regras coercitivas da época moderna e nem apresentar aquele grande respeito diante das autoridades, exagerando bem pouco basta simplesmente seguir uma regra: a da globalização capitalista. No entanto, ainda existe uma minoria de seres humanos considerados estranhos aos valores hedonistas, deslocados do tempo e por assim dizer sofrendores conscientes da reflexão moral. Estes indivíduos conseguem ou tentam criar um projeto de vida e ainda buscam explicações e soluções para o resto da sociedade. Essa espécie a caminho da extinção ainda possui um “kit de ética” que a protege, mas que ao mesmo tempo a isola do mundo.

Parafraseando a história de Mary Shelley (1831) sobre o Frankstein, a globalização capitalista não seria nada sem sua criatura, sem o instrumento que permitiu a construção e “solidificação” da sociedade de consumo: a sedução. Como diz Lipovestky (1989), a sedução tornou-se um processo regulador das atividades humanas, persuadindo-as pelos aparentes benefícios tentadores de produtos e serviços cada vez mais customizados. Foi a partir dessa sedução de oferecer várias opções e da divulgação constante das

mídias, que o valor de necessidade foi se transformando em desejo tão presente nas campanhas publicitárias. O desejo incorporou dos valores morais modernos a ideia de obsessão cultural, só que agora tem uma diferença: não somos mais impostos a seguir e sim persuadidos. A tecnologia então trouxe algo que não sabíamos – o conforto e a comodidade, dois conceitos inevitáveis que ao mesmo tempo servem de motivação para a liberdade pós-moderna e para a lógica do mercado. A partir disso, percebemos que a globalização construiu um ciclo-vicioso que continua crescendo (pelos conceitos de consumo, progresso e felicidade) e ao mesmo tempo dissocializando o ser humano.

É interessante que o efeito colateral desse processo de dissocialização é constantemente marcado por uma falsa visão de que a sociedade contemporânea está mais violenta (BAUMAN, 2011). De fato o que realmente aconteceu foi a instauração de uma nova concepção promovida pela lógica de consumo da globalização ao identificar um novo e agora praticamente único tipo de agressão. A globalização, propositalmente, alargou a noção de violência ao definir como risco social a intervenção do “outro” na vida do “eu”, pois o primeiro impede a liberdade individual do segundo, assim como suas possíveis sensações de prazer e felicidade em fazer escolhas (BAUMAN, 2000). Percebemos que a globalização se vê ameaçada a priori, caso exista uma falta de autonomia individual do homem pós-moderno a partir da intervenção de um ser terceiro que supostamente seja capaz de criar valores morais que freiem o processo de inovação. De fato, também existe um outro fator que estabelece essa visão pejorativa atual de nossa sociedade. O aspecto que sacramenta a noção de alargamento da violência é feito pelo que deveria ser uma das maiores vantagens da globalização: a facilidade atual em ter acesso à informação. De fato, a verdadeira intenção do processo globalizante em utilizar os meios de comunicação é de incentivar a indignação da sociedade diante das agressões e constrangimentos constantemente denunciados (Bauman, 2011). Isso não significa transformar o homem pós-moderno em vítima, mas de permitir que este se assuma como indivíduo autônomo ao exigir um mundo sem violência, especificamente sem eventuais intervenções. A partir disso, não é só pelo agir impulsivo e inconsciente de uma sociedade de consumo

angustiada por satisfazer desejos que podemos atribuir o respectivo falso aumento de manifestações violentas, mas pela formação e posteriormente divulgação de um novo tipo de violência. Assim o que de fato se percebe é que a diminuição da tolerância à violência, aumentou o número de registros, mas não o de casos.

Essa dissociação ao contrário do que pensa a consciência pós-moderna não está produzindo seres livres e felizes, mas sim passivos e viciados, uma vez que a motivação de compra passa a ser uma necessidade intrínseca de uma sociedade indiferente. Essa indiferença juntamente com a inovação e a sedução são o novo lema das empresas, pois é a primeira que permite ao consumidor após o momento da compra a capacidade de desuso. É esse sentimento final de indiferença responsável pela abdicção e descartabilidade do que se tem para o interesse e desejo para o que possa vir a ter (LIPOVETSKY, 1989). Vivemos então num mundo modista caracterizado pela interação e multiplicidade de gostos cada vez mais permissíveis, possibilitando-nos assim a nos construir enquanto consumidores. Essa construção permanente revela então a desorientação social, manifestada por uma sensação de insegurança cada vez mais presente no ser humano. E essa sensação é inconsciente, o homem contemporâneo não percebe o sistema capitalista globalizado inserido em sua vida, justamente porque esse sistema já tomou conta de todas as relações, contraditoriamente este é tão explícito que se tornou invisível.

O “não ver” da contemporaneidade pode ser entendido como um produto da crise da razão tão ausente no homem pós-moderno. No entanto, a consciência pós-moderna não pode sempre ser vista como um retrocesso, longe disso, nunca passamos por tantas melhorias, principalmente em relação à qualidade de vida. O que percebemos é uma sociedade sem finalidade ou como foi dito, sem princípios racionais, mas que a partir disso retoma no pré-moderno a questão da religiosidade para enfrentar a angústia da globalização capitalista, só que com outra perspectiva. É engraçado que apesar de muitas pessoas voltarem a ser religiosas, estas passaram a adquirir uma visão pós-moderna baseada que cada um tem seu próprio Deus. Percebemos que até o divino não escapou de ser ridicularizado pela lógica capitalista e virou

mercadoria. Esse esforço em voltar a acreditar em algo como balizamento realça que o indivíduo passa por um vazio emocional, um deslocamento no tempo que resulta como uma espécie de pânico, devido à má assimilação do processo pós-moderno. Agora essa formação incompleta põe em evidência a alienação de liberdade do “homem completo” contemporâneo em ser descrente de tudo, principalmente da razão, ou seja, expõe-se à relação de interdependência de sermos livres pelo fato de não acreditarmos em nada ou até que surja algo melhor.

Percebemos então que não mais vivemos em uma sociedade vertical e sim horizontalizada, em que todos os desejos e impulsos coabitam livremente. Na verdade nem vivemos mais a priori em sociedade, somos seres autônomos cheios de escolhas numa lógica consumista em que nada mais é errado, mas constantemente defeituoso. De fato, para Ferry (2010) a globalização capitalista se tornou praticamente uma unanimidade pela forma que alterou o nosso modo de vida ao nos proporcionar liberdade, por meio da emancipação individual. Retomando a consciência e sociedade contemporânea, identificamos que sua complexidade vem de seus inúmeros problemas a partir de seus valores hedonistas, mas traz uma grande compensação: a promessa de felicidade o tempo todo. Em suma, podemos definir a sociedade de consumo marcada pela crise social, a partir da ascensão do individual ao negar o passado e viver intensamente no presente e mais ainda no futuro, afinal a globalização capitalista nos proporciona um conforto. Em uma espécie de paráfrase de “Admirável mundo novo”, (Aldous Huxley, 1932) esse sistema funciona definitivamente como uma droga que altera e intensifica as sensações, principalmente o comportamento ao estimular uma sensação de prazer como prática recreativa de uma lógica que garante a continuidade no processo de inovação. Em um mundo pós-moderno com tantos prazeres e infinitas formas de entretenimento, percebe-se que o senso comum de hedonismo criado pela globalização impede o homem contemporâneo de desenvolver a capacidade de senso crítico. Viver na contemporaneidade é viver de inconstância, uma vez que é permitido se aproximar de tudo e todos, mas sem exatamente conseguir os compreendê-los e ser compreendido.

Para terminar esse capítulo, é válido ressaltar que a problemática no mundo contemporâneo não se encontra na concessão de escolhas, longe disso não devemos ser saudosistas por algo que nos anulou por muito tempo como pessoas. Na verdade a crítica à pós-modernidade se encontra na forma como estabelecemos e selecionamos nossas opções, uma vez que o modo de vida atual em se aceitar cegamente o novo e dispensar o antigo (por não fazer mais falta) carece de uma reflexão. As coisas hoje são tão fáceis e acessíveis que chegam a ser óbvias demais para serem pensadas. Dessa forma, a felicidade, no mundo contemporâneo tende a ser cada vez mais volátil ao querer sempre buscar prazer no imediato, ou seja, “no aqui e agora”. Contudo veremos que esse novo agir foi inspirado por uma lógica de consumo garantida pela globalização capitalista.

Cap 3 GLOBALIZAÇÃO VENTRÍLOQUA

É engraçado que a globalização capitalista pela ideia imperativa de inovação e aprimoramento da técnica nos passa a sensação de que somos velhos ao podermos visualizar que, cada vez mais, os objetos se tornam obsoletos e vão para os museus. A falsa impressão do aumento da velocidade do tempo é o principal mecanismo que percebemos da globalização, no entanto realmente nunca passamos por tantas mudanças como nenhum outro momento da história. Outro mecanismo marcante dessa época é o crescente uso da tecnologia e de seus aparelhos cada vez mais presentes e por assim dizer, mais necessários em nossa vida.

Para Ferry (2010), podemos dizer que a globalização foi uma experiência de laboratório entre o capitalismo até então revelado como promotor de desigualdades e o conhecimento científico altamente marcado pelo pensamento racional. Esses dois ideais perceberam que a nova sociedade a ser formada não queria mais promessas e valores, mas sim a liberdade pela falta destes, a partir da produção de escolhas. O resultado dessa experiência criou uma verdadeira façanha ao convencer a importância do novo para a sociedade por meio da constante fragilidade e, porque não dizer, pela atual falta de qualidade das coisas.

A inovação permanente da globalização promoveu uma sociedade individualizada e principalmente condicionada, não só pelas variáveis externas mas também pelos próprios atos marcados por um estado de concorrência sem volta. Assim percebemos que as relações humanas seguem uma lógica de competição de mercado, a partir dessa noção de melhorar o tempo todo. No entanto, para Ferry (2010), esse processo de comparação não começa pelas atividades humanas, mas pelas empresas e instituições intimadas a se reformular constantemente para sobreviverem. Essa noção espontânea de progresso e adaptação sem fim evidencia o dilema do homem pós-moderno que além de não ter referências, não consegue mais formá-las pelo fato de não ter mais tempo. No entanto, essa noção de dilema opõe-se à questão de perspectiva e consciência do homem pós-moderno, uma vez que o problema contemporâneo é na verdade o motivo de emancipação do sujeito, pois este só consegue ser feliz por ter liberdade ao comprar o que quiser. Assim, essa nova visão permeada pela compra com o intuito de satisfazer desejos, só deu certo devido ao advento da globalização capitalista a partir dos conceitos de consumo motivado e industrialização da cultura. Estes dois conceitos inter-relacionados criaram a função de entretenimento pela ideia de gosto, precisamente pela capacidade de nos permitir ser únicos pelas nossas próprias escolhas de consumo, a partir da noção de que se eu gosto eu compro e se eu compro é porque me dá prazer. Uma outra consequência dessa inter-relação ainda mais presente em nosso mundo, é a banalização da questão financeira por trás de todas as nossas ações, no sentido de que o homem nem consegue mais realizar suas necessidades sem dinheiro, muito menos seus desejos. A partir disso, percebe-se que essa liberdade de consumo pós-moderna tem um fundo de coerção que torna o ser humano escravo de prazeres por sua vez movidos pela noção de dinheiro

Na verdade podemos definir o sujeito contemporâneo como um ser que não possui um centro, ou melhor, dizendo numa lógica capitalista da globalização: sem matriz. Atualmente só possuímos franchisings ou franquias para administrar um nome.

Percebemos que essa ideia de fluxo contínuo, precisamente de movimento constante dos homens pós-modernos, é o grande marco da

contemporaneidade, no entanto isso é apenas uma consequência desse novo processo. O grande mérito dessa globalização capitalista foi o apoio que esta ofereceu para estabelecer a noção de individualidade como ponto positivo de se viver em sociedade. Esse apoio da globalização pode ser melhor entendido como a legalização e a instauração da vida privada, a partir da inserção da tecnologia nessas últimas décadas (FERRY, 2010).

Constatamos que essa nova preocupação pela administração da vida privada se tornou um bem tão importante e difundido na sociedade que invadiu o espaço público. De acordo com Bauman (2000), atualmente existe uma indistinção entre o público e o privado, no sentido de que o homem contemporâneo percebeu a importância do último e a partir disso, decidiu fazer deste um negócio, principalmente por meio de realitys shows que expõem a intimidade das pessoas e notícias sobre a vida particular dos artistas. É evidente que a mídia nessas últimas décadas foi a forma de acesso que a globalização se utilizou para estabelecer a relação do indivíduo com a tecnologia. Contraditoriamente, ainda de acordo com Bauman (2000), essa relação traz uma ideia de aproximação e distanciamento entre as pessoas. Essa aproximação, como foi dito anteriormente, foi garantida pela tecnologia, que por sua vez, instaurou a vida privada, a partir dessa noção de “estar sempre disponível por meio de um click”. Essa expressão nos permite entender e posteriormente complementar a definição que Bauman aborda sobre a indistinção da privacidade, uma vez que, se percebe que a última só faz sentido se na verdade for pública e acessível a todos. Talvez o maior exemplo disso atualmente seja o facebook, pelo compartilhamento de informações particulares. Contudo essa sensação de distanciamento entre as pessoas é ao mesmo tempo mais visível que a ideia de aproximação e mais marcante ao definir a nova dinâmica da sociedade de consumo (individualizada e preocupada com seus próprios problemas). Retomando a questão do distanciamento, percebemos que este ironicamente se estabelece por um dos próprios benefícios oferecidos pela tecnologia: a mobilidade, ou seja, essa concepção de se resolver problemas a longas distâncias por meio de um e-mail ou uma ligação.

Porém essa noção de distanciamento entre as pessoas está longe de ser algo recente ou contemporâneo. Conforme Bauman (2011) o distanciamento é, a priori, o efeito do mecanismo que cada cultura possui em demarcar ações de normalidade e anormalidade, a fim de preservar os valores e o bem estar social. Dessa forma, se cada cultura possui uma espécie de determinismo em julgar certas ações como incoerentes, é porque por trás destas existem indivíduos estranhos que possam ameaçar essa sociedade. Assim, segundo Bauman (2011) é o estrangeiro com seus costumes e comportamentos diferenciados que coloca em risco e posteriormente evidencia a incapacidade humana em aceitar as diferenças. No entanto essa visão de estranhamento que cada cultura estabelece diante do estrangeiro, a priori promove entre os indivíduos da mesma cultura um sentimento reconfortante pela ideia de nós, ou seja, de aceitação local pelo compartilhamento de perspectivas similares, mas que ao mesmo tempo os isola do resto do mundo. É curioso perceber que na época contemporânea a dificuldade no convívio social ainda existe e pior, se torna ainda mais complexa. Para Bauman (2011) a globalização, ao incentivar a diversidade de gostos e escolhas pela noção de estilo, rompe com os limites ou fronteiras culturais, instaurando assim uma zona de desconforto ao ampliar e agora inserir a noção de estranhamento e ameaça para o “outro”. Os limites estabelecidos pela cultura, apesar de serem impostos, garantem uma noção de confiança e segurança, justamente por estabelecer diferenças. Logo, percebemos que na pós-modernidade a ideia de “nós” estabelecido pela cultura se torna algo de posse pessoal, ou seja, “meu”. Isso talvez explique porque as pessoas contemporâneas consomem mais segurança (produtos e serviços tecnológicos que controlam e mantêm distância).

A atual restrição das fronteiras entre o que é sigiloso e o que é intencionalmente revelado pode ser entendido pela ideia generalizada da liberdade de consumo. A noção de prazer, a partir da concessão de poder fazer escolhas, posteriormente instaura a noção de estilo como algo a ser compartilhado e valorizado (LIPOVETSKY, 1989). A definição do último de fato surgiu a partir da inversão de pensamento da época moderna em defender sem violar o domínio do privado. De fato, nos dias atuais, praticamente não existe

mais a associação de sigilo como algo em que o ser humano possa se preservar e supostamente se autovalorizar, uma vez que, rompe com a idéia de personalidade. Ao contrário desta noção sólida, o estilo leve não é cuidadosamente revelado, mas inescrupulosamente exposto e divulgado sem limites. No entanto, essa atual falta de seletividade em tornar público algo inicialmente privado é garantida pela consciência pós-moderna que pouco ou nada esconde de sua intimidade, mas que em troca ganha o prestígio social de uma celebridade (BAUMAN 2011).

Porém, percebemos que os novos conflitos sociais individualizados pela tecnologia inicialmente começam por uma instabilidade financeira, mais precisamente pela nova visão que rompeu com as tradições e valores sociais e que por sua vez criou uma sociedade que valoriza não aquilo que se tem, mas aquilo que eventualmente pode ser comprado. A criação do conceito qualidade de vida foi a solução camuflada de pretexto que as empresas inventaram para que pudéssemos investir em bem estar pessoal por meio de um consumo impulsivo. No entanto, essa noção de pretexto, na verdade é um imperativo invisível, mas tangível o suficiente para as empresas assumirem o papel de inovação e aprimoramento das coisas, a fim de sobreviverem à lógica do capitalismo globalizado. Para Ferry (2010), a relação do mercado assemelha-se a teoria de Darwin, no sentido de que a corporação que não se adapta constantemente, futuramente cometerá um suicídio. Percebemos então uma idéia de ciclo-vicioso entre consumo, inovação e liberdade inicialmente estabelecida pelas instituições e posteriormente consumada por nossos cartões de crédito sem limites. O espírito de liberdade pós-moderna é justamente a falta de limites que por sua vez impulsionam a um complexo endividamento e uma crise econômica mundial. Esse endividamento, na verdade demonstra a falta de fronteiras e porque não dizer a falta de escrúpulos presentes na globalização, pois o seu mercado é acessível a todos, inclusive aos mais pobres que compram com tanta motivação aquilo que não conseguem pagar, mas que no futuro podem recorrer a empréstimos.

É necessário entender que reinventamos uma Grande Depressão (Crise de 29), só que agora muito mais grave e complicada de ser resolvida, pois não se trata mais de um problema exclusivamente econômico, mas sim

comportamental por uma falência de reflexão moral. O mais engraçado dessa situação, é que a mídia evidencia o colapso financeiro, mas não associa isso a dinâmica da globalização, pelo contrário ela defende a liberdade de consumo pela expansão das campanhas publicitárias. Afinal de contas que tipo de alerta devemos criar para tornar visível uma sociedade pós-moderna invisível?

Cap 4 UM TOQUE DIONISÍACO NA PÓS-MODERNIDADE

Compreendemos que o homem pós-moderno é marcado por uma liberdade angustiante e vazia, mas que pode ser facilmente preenchida e satisfeita pelo consumo. Na verdade, somos indivíduos que apreciam a liberdade de poder escolher, mas que no fundo não gostamos do próprio modo de vida e nem de nossas escolhas. Essa sensação evidencia que somos ausentes de convicções sólidas e portanto, incapazes de formar um projeto de vida sartriano.

É difícil encontrar uma solução para os problemas invisíveis da contemporaneidade, pois o agir antes de mais nada requer uma tomada de consciência, mais precisamente do mundo e do modo em que vivemos. Na verdade se existe uma solução ela vem do próprio precursor da pós-modernidade. Se Nietzsche estivesse vivo, diria que não somos mais niilistas, pelo menos não mais daquela época da modernidade que tinha fortes convicções e valores impostos. Somos na verdade niilistas às avessas que possuem autonomia para “fazer o que quiser”, só que dentro da lógica da globalização capitalista. Retomando a “ressurreição de Nietzsche” este também diria - que não temos consciência do pensamento neoapolíneo, ou seja, de que essa nova sociedade de consumo e liberdade pós-moderna são criações para proporcionar uma vida agora não só mais suportável como também prazerosa. Dessa forma, podemos perceber que nossa liberdade, na verdade não é inteiramente livre como pensávamos, mas sim condicionada por um novo ideal invisível que não faz mais promessas, mas que nos deixa sensíveis ao querer que nos reformulemos permanentemente. Em uma perspectiva nietzschiana significa dizer que de fato não damos plenamente valor a vida, pois temos medo de algo que não conhecemos: o dionisíaco (essa certeza imperativa de

que um dia iremos morrer), uma vez que a concepção de morte nos escapa pela satisfação de aproveitar a vida condicionada ao consumo.

Dando continuidade ao pensamento de Nietzsche, este iria nos propor a mesma solução feita há dois séculos antes: a arte, precisamente a pré-socrática. Essa arte como mediadora entre dionisíaco e apolíneo era para Nietzsche a forma de revelar ao homem essa tomada de consciência, ou seja, esse apreço pela vida justamente por saber encarar a concepção de morte sem criar subterfúgios para escapar desta (Machado, 1999). O interessante das manifestações artísticas é que essas da mesma forma que romperam com as tradições são capazes de reconstruir e reinterpretar os valores morais, pois ainda retém um fundo crítico.

Recordemos que no século passado as manifestações artísticas ao denunciarem os problemas sociais ajudaram a globalização a assumir um papel de dramaturga nas relações humanas, inclusive na própria arte que posteriormente assumiu um valor comercial. De fato seu próprio lema: a vida imitando a arte foi modificado e agora parece ser: a arte de consumir constantemente é a vida, mas esse lema pela primeira vez nos revela algo inédito, especificamente que o conceito de inovação da globalização não é acompanhada artisticamente falando pelas manifestações da arte. A falta de inovação artística, precisamente pela ausência desta de criar alegorias críticas, revela que a arte possui mais do que um caráter de entretenimento; de fato esta permite ao homem criar uma reflexão moral, a partir da habilidade desta em reproduzir os problemas humanos. A arte também mostra que antes de sermos talentosos por nossa engenhosidade, somos geniais pela nossa capacidade de criar, dessa forma se ainda somos criativos, podemos criar novos valores éticos que nos norteie. A unicidade da verdadeira arte está além de identificar problemas superficiais, esta consegue reproduzir fielmente a crise comportamental humana que nos atormenta e desfragmenta nossas relações.

A verdadeira arte aqui presente é aquela que por meio de uma narrativa consegue despertar um senso humanitário, ou seja, que revela uma crise de contexto social pela capacidade de criar um ambiente que retrate nossos medos e nos faça refletir como isso de fato está presente em nossas vidas.

Não desmerecendo as outras artes, mas o caráter de engajamento do cinema, do teatro e da literatura consegue por meio de histórias e personagens dramáticos estabelecer de forma inovadora uma relação de qualidade e competência. Comicamente boas histórias não dependem de orçamentos altos para acontecerem, mas ainda precisam de dinheiro. É importante ressaltar que a arte não vai resolver o problema da pseudo-liberdade da pós-modernidade, mas ela permite construir uma tomada de consciência, a partir de uma crítica social. No entanto para que esse novo tipo de arte possa assumir o valor de crítica social na contemporaneidade, esta deve inicialmente identificar e compreender a realidade pós-moderna caracterizada pelo individualismo, hedonismo e liberalismo generalizado.

Por sua vez, a filosofia não poderia servir de modelo para a solução da pós-modernidade, pois é normativa ao estabelecer uma perspectiva explícita e coercitiva por expressões de pensamento que nos condenam e posteriormente tentam a alterar as nossas relações. No entanto, é sua atuação por trás dos bastidores através de seu pensamento crítico e reflexivo que deve ser assimilado pelos artistas em suas encenações inseridas em uma história descompromissada moralmente à primeira vista.

A verdadeira arte ao nos proporcionar uma relação ao mesmo tempo de identificação por nossos atos e repulsa pela sensação chocante da degradação da capacidade de nossas próprias ações, retoma uma noção até então perdida na pós-modernidade: os líderes. O conceito de liderança na arte, ao contrário da definição de líder de Bauman (2000), não estabelece uma noção explícita de agir social para desenvolver “uma boa sociedade”, mas sim por uma noção implícita de que os problemas, inclusive os atuais da pós-modernidade ainda são cometidos de forma inconsciente, ou melhor, alienante pelo homem. Esse tipo de liderança não é fácil de ser vista, no entanto a importância do consumo em nossas vidas também não nos é visível, mas é atualmente marcante em nosso comportamento. Dessa forma essa nova liderança invisível ao estabelecer críticas sociais indiretas pode vir a ocupar o lugar dos líderes atuais definido por Bauman (2000) como: os conselheiros. Esses indivíduos são sujeitos que, ao contrário dos líderes da modernidade, aconselham as pessoas a agirem individualmente e criarem uma consciência de resolver seus

próprios problemas por si. Assim, percebe que esses conselheiros, ao servirem inclusive de exemplo (autores de livros de auto-ajuda, pessoas que oferecem dicas estéticas, etc.), instauraram a “responsabilidade” do faça você mesmo ao indicar e identificar que as angústias são problemas individuais que só podem ser resolvidos individualmente. Retomando o valor artístico como uma hipótese de solução da pós-modernidade, percebemos que ao contrário dos líderes normativos, visíveis e compromissados e dos conselheiros liberais, invisíveis e pouco solidários, existe a hibridização desses elementos pela arte, instaurando não mais uma figura de referência, mas agora um objeto, precisamente uma lição moral através do enredo que engloba desde as interpretações dos personagens até as decisões dos autores e diretores. Dessa forma, a verdadeira arte é capaz de entrar no íntimo pessoal e desenvolver uma postura social implícita, sem a necessidade de um discurso político direto.

É necessário antes de mais nada que a relação de engajamento na arte esteja intrinsecamente associada à noção de valorização com a vocação artística para que de fato se possa afirmar a real importância desta na vida humana. A aptidão e o saber valorizar a profissão conseguem se distanciar da noção de se fazer algo por dinheiro tão presente no pensamento da maioria dos homens pós-modernos. Nesse sentido, os remanescentes da arte engajada, a priori devem assumir o atual status comercial da arte para posteriormente romperem de forma gradativa seus contratos com as indústrias cinematográficas e as editoras. Dessa forma, o desvencilhar de produções comerciais com altos recursos financeiros migraria a arte para a produção independente. No entanto, para que de fato isso ocorra, é necessário encontrar verdadeiros artistas, escritores e diretores que possuam essa mesma perspectiva. Mas onde serão encontrados? É nesse ponto que entra o papel dos excluídos da pós-modernidade. Esses indivíduos com seus kits de ética que ainda pensam coletivamente e, melhor, ainda padecem da reflexão moral. Se existe uma virtude na globalização, é justamente o fato de nos permitir conhecer várias pessoas em tão pouco tempo. Essa inesperada inserção dos indivíduos excluídos da contemporaneidade na produção independente, de fato pode retomar a função crítica artística, uma vez que, as formas de criação e interpretação seriam literalmente incorporadas por esses novos artistas

moralmente compromissados. Nesse sentido, essa suposta reformulação artística poderia criar uma nova forma de valor moral ao produzir uma espécie de conspiração de desconstruir a desconstrução atual, ou seja, uma nova forma de vanguarda carregada de princípios ocultos, através de disfarçadas divulgações alusivas da arte pela reflexão filosófica e vice versa. Assim poderia-se criar uma nova espécie de gênero literário, cinematográfico e por trás filosófico, a partir de histórias que não intervenham na vida do eu, mas que camuflam críticas sociais por uma noção de entretenimento. Dessa forma a perpetuação e retomada do espírito de Stanley Kubrick, Luis Buñel e Federico Fellini seriam estabelecidos pelo mesmo efeito da globalização (substituir o público para o privado), só que agora substituindo a relação orçamentária e os recordes de bilheteria pela improvisação e diálogos cabeça mascarados da produção independente, ironicamente divulgados pelas diversas mídias. A arte assumiria o papel de inovação ao constantemente reinterpretar os agires e problemas humanos, inserindo agora discretamente a possibilidade de escolha de valores morais leves. Leve no sentido de que o homem pós-moderno poderá escolher vir assistir ou não essa forma de representação, além de que caso haja uma suposta identificação este no futuro possa formar um novo tipo de estilo talvez similar à personalidade.

Em um mundo contemporâneo marcado pela indiferença associada ao consumo e liberdade pela falta de valores, a arte, mesmo que inserida numa lógica da globalização, ainda possui os resquícios de ligação entre os mundos pré-contemporâneo e pós-moderno. Existe em todas as manifestações artísticas, independente da época, um fundo educativo que serve como papel de ensinamento ilustrativo, uma vez que, ajuda aos seres humanos a obter uma compreensão do modo que a sociedade vive e se organiza. No entanto, a sua função de liberdade tão incorporada e vital na vida contemporânea parece que atualmente ensina deseducando. Nesse sentido, é necessário incorporar a função de liberdade em uma outra perspectiva diferente desses dois mundos. É preciso educar sem impor, ou melhor dizendo, seduzir sem criar desejos, mas críticas sociais. Dessa forma, esse processo de sedução deve inicialmente ressaltar uma concepção de neodionísíaco, que insira o trágico, o chocante, o pessimismo e o dramático no cotidiano da cultura hedonista. A arte pela

produção independente deve criar valores leves que através de histórias revelem a incapacidade de onipotência e satisfação plena humana, assim como a constante fragilidade individual de não conseguir fazer o que realmente quer e pior de ainda depender do “outro” para fazer o que consegue. Dessa forma é preciso recriar um novo tipo de romantismo que represente uma visão de mundo centrada no indivíduo, precisamente no outro. É preciso criar histórias que reproduzam o pesadelo de se viver em uma vida consumista e cada vez mais efêmera e que ao mesmo tempo, por trás disso, enalteça a importância do outro, ao evidenciar que as quase gêmeas angústias em que estes passam, podem ser compartilhadas não como salvação ou cura, mas como forma de tratamento e de uma eventual superação.

Dessa forma, a arte não só possui a capacidade de oferecer aprendizado por meio de sua reprodução alusiva dramática, mas só faria sentido se puder ser compartilhada, à medida que integra as pessoas a desenvolverem e compartilharem pontos de vista críticos. Antes de ser criada e manipulada pelos indivíduos, a arte é um dom intrínseco que revela as qualidades de um homem social, ou melhor dizendo, de um super-homem nietzschiano capaz de encarar a realidade e, a partir disso, manifestar uma capacidade criativa e engajada de vencer o nihilismo criticando inicialmente pela tomada de consciência diante dos problemas humanos para posteriormente permitir um agir capaz de construir uma personalidade e um projeto de vida em sociedade por meio de seus próprios valores. As manifestações artísticas de caráter crítico-social devem ao mesmo tempo alertar os sintomas invisíveis nas mais variadas dimensões de nossa crise existencial e se tornarem mais presentes em nossas vidas particulares.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do entendimento sobre os conflitos da liberdade contemporânea, podemos terminar este ensaio, concluído duas coisas essenciais. A primeira é que apesar da pouca importância atual, a filosofia e a sociologia nunca se tornaram tão importantes e necessárias para compreender os sintomas humanos nas mais variadas dimensões existenciais, pois pela primeira vez nunca tivemos tantas dúvidas e problemas. Entender a pós-modernidade é compreender o transtorno bipolar da angústia e do prazer do homem contemporâneo, é identificar a alienação estabelecida pela globalização como um processo depressivo desencadeador de crises existenciais.

A segunda parte a ser compreendida é entender que o que dá sentido à vida é a capacidade humana de criar um significado próprio norteador para si. A essência não é alcançar o saber, mas sempre tentar buscá-lo, por meio da construção de valores e referências consistentes que auxiliem a liberdade e o poder de escolha. Não precisamos de uma fórmula mágica, até porque nunca existiu tal fórmula, independente da época social, sempre existiu um homem por trás das ações e circunstâncias.

É válido ressaltar que as manifestações artísticas devem se tornar mais atuantes na vida pós-moderna, pois estas são as únicas capazes de alertar divertindo. A arte ainda permite ao ser humano uma reflexão, justamente por retratar algo tão presente, mas tão despercebido por esses: o isolamento. A felicidade no prazer cada vez mais volátil e viciante está desfragmentando a vida humana ao conduzi-la para um abismo sem chão. Como são complexos e ingênuos estes seres pós-modernos sem conteúdo!

4 REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zigmunt. **44 cartas do mundo líquido moderno**. Trad. Vera Pereira. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

BAUMAN, Zigmunt. **Modernidade líquida**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

EMERSON, RALPH WALDO. **Prudence**. Nova York: M. Shepard Company, 1906

FERRY, Luc. **Diante da crise: materiais para uma política de civilização**. Trad. Karina Jannini. Rio de Janeiro: DIFEL, 2010.

FERRY, Luc. **Famílias, amo vocês: política e vida privada na era da globalização**. Trad. Jorge Bastos. Rio de Janeiro: DIFEL, 2010

LIPOVETSKY, Gilles. **A era do vazio**. Trad. Miguel Serras Pereira e Ana Luísa Faria. Relógio d'ÁGUA, 1989.

Machado, Roberto. **Nietzsche e a verdade**. São Paulo: Graal, 1999.

SARTRE, Jean-Paul. **O Existencialismo é um humanismo**. Trad. de Vergílio Ferreira. São Paulo: Abril Cultural, 1973 (Coleção "Os Pensadores").